

## A escrita de Derrida: notas sobre o modelo freudiano de linguagem

Claudia Braga Andrade\*

Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais e Humanas.

Mariana, MG, Brasil

**Resumo:** Pretende-se retomar o debate de Derrida sobre a concepção de linguagem e seu encontro com a psicanálise. Apesar de constatar a influência da tradição filosófica da metafísica nos conceitos metapsicológicos da psicanálise, Derrida reconhece no discurso freudiano um potencial de desconstrução da concepção de linguagem associada a uma atividade representativa verbal. Por fim, aborda-se como a hipótese da concepção do inconsciente como escrita e a escrita do inconsciente implica outra interpretação do discurso na psicanálise em que se promove uma junção entre força e sentido.

**Palavras-chave:** Derrida, psicanálise, linguagem, escrita, inconsciente.

“Prefiro em Freud as análises parciais, regionais, menores, as sondagens mais aventureiras”.

Derrida.

### Introdução

Com o pensamento da desconstrução, Derrida inicia um notável estudo dos fundamentos do pensamento ocidental, analisando a forte valorização da linguagem em seu aspecto fonético e sua vinculação com o logocentrismo. Recusando a ideia de um modelo transcendente de linguagem que exclui o registro das intensidades, concebe a linguagem a partir da ideia de grafia mais próxima à escrita no plano corporal e contrapõe dois modelos de linguagem: fonético e da escrita<sup>1</sup>. A partir do conceito de escrita como um sistema de traços, Derrida desenvolve uma crítica à metafísica da presença e a suposta ligação entre linguagem fonética e logocentrismo.

As questões que envolvem o movimento de desconstrução levam Derrida ao encontro com o discurso da psicanálise. Apesar de reconhecer a influência da tradição filosófica da metafísica nas instâncias metapsicológicas da psicanálise, o autor encontra no discurso freudiano um potencial de desconstrução da concepção de linguagem, principalmente na escolha de Freud em representar o psiquismo através de modelos metafóricos de escrita. A seguir, veremos como se estabelece este diálogo entre a escrita de Derrida e a concepção de linguagem na obra freudiana.

### O pensamento do traço

A noção de escrita derridariana não separa a escrita da fala. Dessa forma, para propor que a língua oral já

pertence à escrita, é formulado o conceito de arqui-escrita. A escrita, no sentido estrito, permanece evidentemente secundária, mas ela só pode ser secundária porque a língua original “natural” nunca existiu: foi sempre, ela própria, uma arqui-escrita. A fala, portanto, já é arqui-escrita (Derrida, 1967/2006). Esse conceito procura se deslocar da oposição binária, propondo uma inscrição geral independente das escritas particulares, que usualmente se opõem à fala. A escrita não se refere somente à inscrição, mas à possibilidade de inscrição. Nesse sentido, a escrita não é um derivado gráfico, posterior à fala, mas a possibilidade de articulação entre fala e escrita.

A temática da arqui-escrita transita entre a questão da origem e da transformação dos sistemas de escrita. Trata-se de uma origem que se perde no tempo, funde-se em uma arqui-origem, que é a própria escritura. Não há como representar a relação da representação com a presença dita originária, pois a representação é também uma “des-representação”. Derrida busca inscrever o conceito de escritura como uma ausência, questionando, dessa forma, os conceitos clássicos de origem, anterioridade e originalidade: “obviamente, não se trata de recorrer ao mesmo conceito de escrita e de inverter simplesmente a dissimetria que colocamos em questão. Trata-se de produzir um novo conceito de escrita” (Derrida, 1972, p. 32).

A escrita é concebida como um sistema de traços e o essencial dessa formulação é que o traço não deriva de uma presença, o que faria dele uma marca empírica<sup>2</sup>. O traço implica a retenção da diferença numa estrutura em que a diferença aparece como tal. Afirmar que a diferença se apresenta como tal, significa que ela mesma se apresenta como diferença e não como presença de uma diferença. Nesse caso, a diferença não é uma identidade, nem tampouco a diferença entre duas identidades. Nenhum

1 Na tradução brasileira da obra de Derrida o termo “écriture” foi traduzido por “escritura”. Alguns comentadores da obra de Derrida escolheram utilizar o termo “escrita” por sua maior proximidade a ideia de escrito e texto. Para não alterar o corpo de texto das citações, preferimos utilizar os dois termos.

\* Endereço para correspondência: cb.andrade@terra.com.br

2 O termo “la trace” utilizado por Derrida nos livros *Gramatologia* e *A escritura e a diferença* foi traduzido na edição brasileira pelo termo “rastro”. Optamos neste trabalho utilizar o termo “traço” em razão da sua proximidade com a noção já consagrada no campo da psicanálise.

conceito da metafísica pode descrevê-la. Como explicita Derrida (1967/2006), “a ausência de um outro aqui-agora, de um outro presente transcendental, de uma outra origem do mundo manifestando-se como tal, apresentando-se como ausência irreduzível na presença do rastro, não é uma fórmula metafísica que é substituída por um conceito científico de escritura” (p. 57). O pensamento do traço não se coloca como um substituto da fórmula metafísica, não cria um jogo de oposição, mas oferece uma ferramenta de desconstrução dos pressupostos metafísicos.

A noção de traço se define por sua ausência de origem. No caso, a não origem é originária. Sua reconstituição só pode ser feita através de uma não origem. Segundo Derrida (1967a), “dizer que é originária é ao mesmo tempo apagar o mito de uma origem presente. É por isso que se deve entender ‘originário’ *sob rasura*, sem o que derivaríamos a diferença de uma origem plena” (p. 188)<sup>3</sup>. Para formular uma noção de traço sem origem é preciso supor que o próprio traço se destrua, ideia contida no conceito de arquitecção. Ele é contraditório e inadmissível à lógica da identidade, uma vez que não se baseia na presença empírica do traço. Tudo começa pelo traço, mas ao mesmo tempo não há um traço originário. O traço não indica somente a desaparecimento da origem, mas a inexistência dela. O traço se torna origem da origem, anterior ao ente. “É preciso pensar a vida como traço antes de determinar o ser como presença” (p. 188).

O pensamento do traço não busca um retorno a uma origem transcendental, mesmo porque não se coloca como paradigma a presença plena. Para articular a ideia do traço puro, absoluto, Derrida se refere ao conceito de “diferença” que é central na filosofia da desconstrução da metafísica da presença<sup>4</sup>. O traço em sua diferença recusa um “começo”. Diferença se define por sua independência a qualquer plenitude sensível, audível ou visível, fônica ou gráfica. Muito embora a diferença não exista e “não seja nunca um ente-presente fora de toda plenitude, sua possibilidade é anterior de direto a tudo que se denomina signo” (Derrida, 1967b, p. 77). Derrida (1972) descreve a diferença como uma estrutura e um movimento que não se deixam mais pensar a partir da oposição presença-ausência. “A *différance* é o jogo sistemático das diferenças, dos traços de diferenças, do espaçamento pelo qual os elementos remetem uns aos outros” (p. 33). A diferença do traço ocupa o lugar da origem como marca de uma inscrição arcaica

que não se deixa apreender na oposição presença-ausência, mas a precede como meio indecidível. Portanto, o traço implica a suspensão de qualquer referência, assim como na superação das oposições.

A problemática do traço é um ponto estratégico do movimento de desconstrução. E são as questões envolvidas nessa problemática, como o primado do presente, a presença plena e a presença para si e da consciência que levam Derrida ao encontro com a psicanálise. Em um diálogo com Roudinesco, Derrida declara que no momento em que escreveu *Gramatologia* pouco ainda havia se debruçado sobre a obra lacaniana e freudiana. Quando elabora a problemática do traço e a desconstrução do logocentrismo e do falocentrismo, entre 1963 a 1965, começa a perceber e a analisar a dívida de Freud à metafísica. A partir daquele momento, esclarece Derrida, a psicanálise passou a fazer parte da sua “própria” problemática.

No entanto, o que ainda não aparecia já se anunciava em ‘pontilhado’. Era indispensável situar a problemática do traço, grande princípio de contestação, *alavanca estratégica da desconstrução, dentro e na borda da psicanálise*. Na *Gramatologia* e, sobretudo em *La différence*, tentei situar, pelo menos, a necessidade de reinterpretar um certo rastro de Nietzsche e de Freud. A questão da *différance*, ou do traço, não é pensável a partir da consciência de si ou da presença para si, nem em geral da plena presença do presente. Eu sentia claramente que *havia em reserva, em Freud, uma poderosa reflexão sobre o traço e a escrita. Sobre o tempo também*. (Derrida & Roudinesco, 2004, p. 204, itálicos nossos)

Em “Freud e a cena da escritura”, Derrida (1967a) traz alguns dos conceitos da gramatologia para discussão no campo da psicanálise. Será colocada em debate a ideia do inconsciente como escrita e a escrita do inconsciente que implica outra interpretação do discurso na psicanálise. Apesar da intimidade da psicanálise com a tradição filosófica da metafísica, Derrida encontra em Freud um aliado no trabalho de desconstrução do logocentrismo.

Não há como desconsiderar a cumplicidade da psicanálise com a tradição metafísica da presença na substancialização de suas instâncias metapsicológicas. Muitos conceitos freudianos se inserem no sistema de repressão logocêntrica que se organizam numa exclusão do corpo do traço escrito e se constroem tendo como suporte as oposições interno-externo, subjetivo-objetivo, entre outras. No entanto, o interesse de Derrida não se concentra na “grande conceitualidade freudiana”, embora admita que tenha sido necessária para romper com a psicologia em um dado contexto da história das ciências. As grandes máquinas como “eu”, “ideal eu”, “id”, “superego” não passam “de armas provisórias, utensílios retóricos montados contra uma filosofia da consciência, da intencionalidade transparente e plenamente responsável” (Derrida & Roudinesco,

3 Optamos manter a tradução original das obras utilizadas de Derrida. Cabe ressaltar que o termo francês “*différance*” foi traduzido por “diferencia” na edição de *A escritura e a diferença* e por “diferença” na edição de *Gramatologia*.

4 Derrida utiliza o termo “*différance*” em vez de “*différence*”. Do ponto de vista sonoro não se distingue as duas pronúncias, a diferença é estritamente gráfica. Evando Nascimento (2004) observa que essa foi uma maneira encontrada por Derrida para inverter o privilégio metafísico da *phoné*, na medida em que é necessário que se leia para perceber a distinção entre os dois termos. *A différence é legível, mas não é audível*. Derrida evita reduzir *différance* à diferenciação para impedir um retorno à diferença regida pela lógica da identidade. Sob o ponto de vista de Nascimento (2004), o ideal seria não traduzir o termo *différance* e deixá-lo como uma espécie de “corpo estranho” no idioma. Isso ajudaria a desconstruir o valor tradicional da diferença como oposição entre supostos contrários.

2004, p. 207). O propósito de Derrida não é seguir as grandes máquinas teóricas freudianas e sua funcionalização, mas justamente demonstrar “a necessidade de alguma ‘différance’ que apaga ou desloca suas fronteiras” (Derrida & Roudinesco, 2004, p. 209). A singularidade de sua leitura é a atenção a uma interpretação do *discurso*, e não do *conceito* na obra freudiana.

É certo que o discurso freudiano – a sua sintaxe ou, se quisermos, o seu trabalho – não se confunde com estes conceitos necessariamente metafísicos e tradicionais. É certo que não se esgota nesta inserção. São já testemunhos disso as precauções e o “nominalismo” com que Freud maneja aquilo que chama as convenções e hipóteses conceituais. E um pensamento da diferença prende-se menos aos conceitos do que ao discurso. (Derrida, 1967a, p. 181)

A proposta de Derrida é realizar uma leitura da obra freudiana pelo eixo discursivo na continuidade e descontinuidade textual e não na teoria sistemática restrita aos conceitos metapsicológicos, permitindo, dessa forma, perceber a extensão dos registros de traço e escrita (Birman, 2007). Alguns textos freudianos são examinados com o intuito de evidenciar uma concepção de inconsciente constituído por traços puros que questiona a lógica da metafísica da presença. Percorrendo os modelos do aparelho psíquico expostos, “Projeto para uma psicologia científica” (1895), “Carta 52” (1896), “Interpretação de sonhos” (1900) e no “Uma nota sobre o ‘Bloco mágico’” (1925), Derrida salienta como, ao longo da obra freudiana, vai se aperfeiçoando um modelo estrutural da escritura. O percurso de Freud parte de um modelo mecânico até um modelo que permite projetar o aparelho psíquico, em sua totalidade, numa ‘máquina de escrita’. Para Derrida, nesse trajeto entre 1895 (“Projeto para uma psicologia científica”) e 1925 (“Uma nota sobre o ‘Bloco mágico’”) é identificada a originalidade de uma metafórica do traço escrito.

Algumas evidências do pensamento do traço se encontram no “Projeto para uma psicologia científica” (1895). Nos conceitos de memória e trilhamentos (*Bahnung*) se reconhece a diferença em ação. Um fato interessante na formulação da memória, tal como exposta nesse texto, é que ela se distancia de qualquer explicação proveniente do naturalismo ou de uma fenomenologia. Freud parte do pressuposto de que o organismo é afetado por quantidades internas e externas, mas a produção de qualidade e a consciência não se dão de forma imediata. Esta seria uma forma de recusar a hipótese de que as quantidades ou impressões são equivalentes a uma experiência empírica. Para explicar o fundamento da memória como um sistema apto para ser alterado permanentemente, é necessário supor que algo produza uma resistência à livre circulação de quantidades no organismo. Freud recorre à noção de ‘barreiras de contato’ que estabelece uma passagem diferenciada de quantidades em função da resistência dos neurônios. Nesse modelo, a memória não identifica a impressão de um traço,

mas a diferença entre os traços. A memória deixa de ser considerada como uma propriedade do psiquismo para abranger a própria essência do psiquismo. Nesse sentido, a verdadeira origem da memória e, portanto, do psiquismo está na diferença entre os trilhamentos, semelhantes, nesse caso, a uma metáfora do traço escrito (Derrida, 1967a). A concepção freudiana de memória estabelece que somente com os trilhamentos, na diferença entre os traços, entre as quantidades é que se estabelece a qualidade. A qualidade seria uma consequência final do conjunto de oposições periódicas das quantidades.

Não se deve, portanto, dizer que a exploração sem a diferença não basta à memória; é necessário precisar que não há exploração pura sem diferença. O traço como memória não é uma exploração pura que sempre poderia recuperar como presença simples, é a diferença indiscernível e invisível entre as explorações. Sabemos, portanto que a vida psíquica não é nem a transparência do sentido nem a opacidade da força, mas a diferença no trabalho das forças. Nietzsche dizia-o bem. (Derrida, 1967a, p. 185)

A força produz uma espécie de cartografia de trilhamentos e estabelece uma escrita encarnada nos sulcos desses trilhamentos. O sentido, portanto, é tributário da força. Os trilhamentos não precedem de nenhuma quantidade, eles se relacionam ao tempo puro que se une ao espaçamento da periodicidade. A ideia de tempo é fundamental nessa estrutura. Quando Derrida reconhece a diferença na concepção de memória, não se trata de um intervalo de tempo necessário à consciência ou ao adiamento de uma ação, mas de uma ausência de origem do traço (Major, 2002). O remanejamento constante de traços ultrapassa a ideia metafísica do tempo, pois o traço não é uma marca que faz parte do passado, que pode causar um efeito futuro. O conceito freudiano de *nachträglichkeit* é reconhecido por sua singularidade em não se esgotar na metafísica ou na ciência. Argumenta Derrida (1967), “a temporalidade em Freud não se presta a uma fenomenologia da consciência ou da presença e não há dúvida pode-se então contestar o direito de ainda denominar tempo, agora presente anterior, retardado etc. tudo que aqui está em questão” (p. 82). O conceito de a posteriori coloca em questão a presença em si e é fundamental para a escrita derridariana sobre o traço e a diferença, na medida em que indica uma de-substancialização do tempo, um esvaziamento da substancialidade presente/futuro/passado. Nesse sentido, não há um presente puro em oposição ao passado. O passado está presente no presente, e o presente sempre já passou. O próprio conceito de *différance* traz a questão do tempo inscrita no seu nome.

o “a” da *différance* lembra também que o espaçamento é temporização, desvio, retardo, pelo qual a intuição, a percepção, a consumação, em uma palavra, a relação com o presente, a referência a uma realidade presente, a um ente são sempre diferidos.

Diferidos em razão do princípio mesmo da diferença que quer que um elemento não funcione e não signifique, não adquira ou forneça seu ‘sentido’, a não ser remetendo-o a um outro elemento passado ou futuro, em uma economia de rastros. (Derrida, 1972, p. 35)

Em 1895, no “Projeto para uma psicologia científica” Freud apresentou uma representação do psiquismo como uma topografia de traços, construído por um mapa de trilhamentos que permite descrever o funcionamento do psiquismo pelos espaçamentos e diferenças. Segundo Derrida (1967a), nesse texto, a problemática do trilhamento se assemelha a uma metáfora do traço escrito, mas aos poucos a obra freudiana vai desenvolvendo uma “configuração de traços que não podemos representar senão pela estrutura e funcionamento de uma escrita” (p. 183). A partir da conceptualização da “Carta 52” (1896) e da “Interpretação de sonhos” (1900) o traço começa a se tornar escritura e a metáfora da escrita passa a contemplar o psiquismo em sua totalidade desdobrando-se em duas séries: a estrutura do aparelho psíquico (o aparelho psíquico como uma máquina de escrever) e o texto psíquico (o psíquico como escrita).

O “Projeto para uma psicologia científica” (1895) oferece a ideia de um mapa de trilhamentos que é comparado a um sistema de traços, mas ainda não se encontram elementos suficientes para pensar a estrutura psíquica como uma máquina de escrever. É em “Uma nota sobre o ‘Bloco mágico’” (1925) que Freud consegue uma melhor ilustração da constituição do traço em um modelo único para os dois sistemas, percepção e memória, que pareciam inconciliáveis desde o “Projeto para uma psicologia científica”. A descrição de Freud sobre o invento do bloco mágico é especialmente rica na sua analogia com a metáfora da escrita. Destacamos, a seguir, um pequeno fragmento do texto.

Surgiu no mercado sob o nome de ‘Bloco mágico’, um pequeno invento que promete realizar mais do que a folha de papel ou a lousa. Ele alega não ser nada mais que uma prancha de escrever, da qual as notas podem ser apagadas mediante um fácil movimento de mão. Contudo se é examinada mais de perto, descobre-se que sua construção hipotética de nosso aparelho perceptual e que, de fato, pode fornecer tanto uma superfície receptiva sempre pronta, como traços permanentes das notas feitas sobre ela. (Freud, 1925, p. 287)

Nessa nova configuração a problemática da qualidade é examinada de maneira original, ela não surge nem dentro nem fora. É proposto um terceiro sistema tal como a folha intercalar do bloco mágico. No ato da escrita, a incisão (a excitação) produz o sulco na resina (a impressão perceptiva), e a percepção da consciência aparece secundariamente como uma leitura do traço já inscrito. A metáfora

do bloco mágico consegue reunir o *conteúdo* e a *estrutura* do texto. Descreve Freud (1925)

se imaginarmos uma das mãos escrevendo sobre a superfície do bloco mágico, enquanto a outra eleva periodicamente sua folha de cobertura da prancha de cera, teremos uma representação concreta do modo pela qual tentei representar o funcionamento do aparelho perceptual da mente. (p. 290)

Derrida retoma três possíveis analogias entre o aparelho de escrita e o aparelho de percepção. Em primeiro lugar, o armazenamento e a conservação indefinida dos traços concomitantes a uma superfície de recepção sempre disponível; em segundo, a possibilidade de apagar os traços em uma primeira camada, a da percepção-consciência, assimilada à folha de celuloide do bloco mágico que não compromete a permanência dos traços na lousa comparada ao inconsciente. Até aqui, as duas analogias estão associadas, essencialmente, ao espaço da escrita e da sua extensão. A última analogia se refere ao tempo da escritura e a temporalidade como espaçamento. Conforme comenta Freud (1925), “tive ainda a suspeita de que esse método descontínuo de funcionamento do sistema Pcpt-Cs. jaz no fundo da origem do conceito de tempo” (p. 290). Derrida considera que a temporalidade não é só a descontinuidade da cadeia de signos, como já tinha sido observada em “Projeto para uma psicologia científica”, mas é também a escrita psíquica como interrupção e restabelecimento de contato entre as camadas psíquicas. Nesse sentido, a temporalidade faz arte da estrutura do psiquismo.

O interesse de Derrida na metáfora do bloco mágico consiste na representação do funcionamento do aparelho com todas as funções: da recepção ao registro da escrita. A interrogação dele não é se a metáfora do bloco mágico é eficiente para representar o psíquico. Há uma “transvalorização” dos elementos. A primeira pergunta de Derrida é: o que é um texto? E a segunda: o que deve ser o psíquico para ser representado por um texto? Por um lado, não haveria máquina nem texto sem origem psíquica, mas o que ele acrescenta é que também *não há psíquico sem texto*. A originalidade do modelo proposto no bloco mágico, pensado como uma máquina de escrever, é a implicação de todos os elementos, uma vez que não há máquina, nem texto sem origem psíquica e não há psíquico sem texto. A consequência é uma outra maneira de conceber a linguagem. Não há “um” texto, ele sempre será uma produção sem origem. Faz sempre referência à ausência de origem que não admite a ideia de uma anterioridade transcendental da linguagem. A escrita não seria apreensível, mas consiste como um movimento do texto que produz texto, de um texto sempre em produção.

Seguindo o caminhar das metáforas do caminho, do traço, da exploração, da marcha sulcando uma via aberta por efração através do neurônio, a luz ou a cera, a madeira ou a resina para se inscrever violentamente numa natureza, numa matéria, numa

matriz; seguindo a referência infatigável a uma ponta seca e a uma escrita sem tinta; seguindo a inventividade incansável e a renovação onírica dos modelos mecânicos, essa metáfora substituindo obstinadamente os traços pelos traços e as máquinas pelas máquinas, perguntávamo-nos o que fazia Freud. (Derrida, 1967a, p. 225)

Derrida segue o movimento de Freud na cena da escritura e do texto produzido nessa cena.

## A escrita metafonética, não linguística e alógica

A partir da cena do sonho, Derrida retoma a crítica sobre a ligação entre linguagem fonética e logocentrismo. O argumento central da discussão fundamenta-se no fato da escrita do sonho ser uma escrita não fonética que escapa ao domínio da não contradição e resiste aos pressupostos metafísicos.

Na obra freudiana se encontra uma transgressão no sentido habitual da linguagem. Freud sugere que a linguagem não se restringe apenas à expressão do pensamento em palavras. Nesse sentido, seu olhar está atento à linguagem gestual da histeria, à linguagem pictórica dos sonhos, das visões: uma concepção bastante abrangente de linguagem. Destacamos também sua singular percepção sobre a linguagem marcada pela recorrente escolha por modelos da escrita, fato este especialmente valorizado por Derrida. Realmente, podemos observar que os modelos metafóricos do psiquismo de Freud não são importados da língua falada, nem de formas verbais, nem da escrita fonética, mas sobretudo de uma grafia. Assim, em “O interesse filológico da psicanálise” (1913), Freud (1913) declara textualmente: “Se pensarmos que os meios de representação nos sonhos são principalmente imagens visuais e não palavras, veremos que é ainda *mais apropriado comparar os sonhos a um sistema de escrita* do que a uma linguagem” (p. 212, *itálicos nossos*). Trata-se de um modelo de linguagem como uma metáfora da grafia, que nunca é assujeitada, exterior ou posterior à fala. Segundo Derrida (1967a), o uso da metáfora, nesse caso, é essencial, pois “o gesto de Freud abre um novo tipo de questão sobre a metáfora, a escritura, o espaçamento” (p. 182).

A metáfora da escrita dos sonhos permite uma reflexão sobre o texto psíquico. Freud observa que a textura da escrita do sonho não se apresenta de forma fonética, mas irreduzivelmente gráfica. Para se aproximar da escritura onírica, diz o autor, é preciso seguir o caminho inverso à consciência, comparável a um retroceder da escrita alfabética para a escrita pictográfica. A construção do sonho transforma os pensamentos latentes, que são expressos em palavras, em imagens sensoriais, a maioria na forma de imagens visuais. Derrida sinaliza a preocupação freudiana em unificar e não separar a fala e a escrita no fenômeno onírico. Uma iniciativa que se aproxima da

escrita derridariana. A ideia geral é que a escrita abrange todo o campo dos signos linguísticos – gráficos ou fônicos.

Será preciso interpretar doravante a regressão tópica, temporal e formal do sonho como caminho de regresso numa paisagem de escritura. Não de escritura simplesmente transcritiva, eco pedregoso de uma verbalidade ensurdecida, mas litografia anterior às palavras: *metafonética, não linguística e alógica*. (Derrida, 1967a, p. 193, *itálicos nossos*)

A representação nos sonhos funciona como uma encenação, uma forma de expressão da escritura da palavra, como uma pintura ou a escultura dos significantes. Segundo Derrida, esse modelo se caracteriza pela subordinação da palavra na cena do sonho. Tal como legendas nas histórias em quadrinhos, na combinação picto-hieroglífica, o texto fonético aparece somente como um complemento da narrativa. A analogia escolhida por Freud (1900) para indicar a incapacidade dos sonhos em representar certas conexões lógicas é exemplar: “Nas pinturas antigas, pequenas etiquetas eram penduradas na boca das pessoas representadas, contendo, em caracteres escritos, os enunciados que o pintor perdia a esperança de representar pictoricamente” (pp. 332-333). Este ponto de vista mostra como “a escritura geral do sonho supera a escrita fonética e volta a pôr a palavra no seu lugar” (Derrida, 1967a, p. 209).

As palavras são usadas no sonho da mesma forma que qualquer outro elemento pictográfico, ideogramático. Derrida (1967a) observa que não somente as coisas condensam as palavras e os significantes não verbais se deixam interpretar em representantes verbais, mas é preciso reconhecer também que “as palavras, na medida em que são atraídas, seduzidas, no sonho, em direção ao limite fictício do processo primário, têm a tendência de se tornarem puras e simples coisas” (p. 210). Portanto, as palavras entram no sistema do sonho, submetem-se a ele, mas perdem sua função, na medida em que são tratadas “primariamente” como coisas e não de acordo com seu sentido. Por essa razão, trata-se de um modelo de escritura irreduzível à palavra.

É possível encontrar no conteúdo figurado do sonho uma escritura que se escreve sobre a economia das palavras embora não obedeça a uma referência fônica. A escrita fonética, no caso, seria uma escrita da escrita. Derrida (1967a) observa que na elaboração onírica, quando algum aspecto verbal é investido, a sua transcrição fonética é apreendida longe do centro, numa rede de escrita muda. Estas transposições das palavras em coisas tornam possíveis encadeamentos que não seguem a linearidade do tempo lógico, do tempo da consciência, do tempo da representação verbal. Nesse sentido, são produções de textos que não estão sob o princípio da não contradição.

Como vimos, o texto de escritura fonética não encontra privilégio na escritura geral do sonho e também é preciso notar que o sonho não possibilita uma tradução total em palavras. Um fato que não deveria causar nenhuma

surpresa, posto que Freud (1915-1916) declara que o sonho não é um veículo de comunicação. Os recursos às analogias entre antigas escritas e a escrita do sonho apenas reforçam o fato do limite de sua decifração. Mesmo quando a linguagem dos sonhos é comparada a escrita hieroglífica, não mantém, contudo, a ideia de uma correspondência fixa entre os elementos. O sonho não é uma transcrição de palavras tal como uma decifração de uma mensagem. É evidente a impossibilidade de recuperação completa do sonho através da palavra o que significa o limite da sua interpretação<sup>5</sup>.

Freud compreende a escrita do sonho como uma escrita figurativa ou um rébus. Um fato a ser considerado é que uma escrita figurada permite uma leitura que se difere, por exemplo, de uma imagem de uma percepção consciente. Na escrita figurativa, os signos devem ser lidos segundo a sua significância e não segundo seu valor de imagem. Quando transportamos essa problemática para a experiência do inconsciente podemos afirmar que o inconsciente não utiliza significantes, ele os produz como também cria sua significância (Derrida, 1967a).

O sentido da escrita está na ausência de um código exaustivo. E, como não há material significativo prévio, poderíamos deduzir que o sonhador deve “inventar a sua própria gramática” (Derrida, 1967a, p. 196). A leitura de um texto “sem código” só se realiza quando é colocado “em comparação” com os demais elementos do texto. Sabemos que Freud, na “Conferência XV” (1915-1916), recorre a inúmeros exemplos de escritas antigas. Quando se refere à escrita chinesa, por exemplo, destaca o fato das infinitas possibilidades de significações, onde só o contexto torna possível a apreensão correta. Da mesma forma, os sonhos não são determinados para interpretação, eles só podem ser examinados em comparação com outros elementos. Embora, na primeira tópica, Freud proponha regras para a interpretação dentro de um objetivo de tornar consciente o inconsciente (uma vinculação com a metafísica logocêntrica), a possibilidade de tradução, ou mesmo de uma interpretação total, parece definitivamente limitada, uma vez que ambas baseiam-se em substituição significantes. Para que se possa supor um sistema de tradução, seria necessário um código permanente em que o significante quando substituído conservasse o mesmo significado. Se não há possibilidade de substituição de significantes preservando o mesmo significado, a diferença entre significante e significado não é tão radical assim (Derrida, 1967a).

Conforme sinaliza Derrida, não é possível uma tradução fiel do sonho para uma outra língua. O próprio conceito de tradução já traz em si o risco de sugerir a existência de um texto prévio, como se fosse possível recuperar uma impressão de outrora. Para tanto, seria preciso supor que o conteúdo do significado pode ser transportado, por exemplo, da encenação inconsciente do sonho para a linguagem do consciente. Este é o problema que Freud se

depara para explicar a transposição das representações entre os sistemas consciente e inconsciente. Quando uma ideia inconsciente alcança o consciente, seu registro continua no inconsciente? Na metapsicologia, Freud vai se deter no tema propondo a hipótese tópica e funcional.

Derrida acentua que o texto consciente não poderia ser pensado como uma tradução de um texto inconsciente. Isso suporia um texto presente em outro lugar e o princípio fundamental do texto é que ele é irreduzível ao conceito de presença. O valor de presença ameaçaria o próprio conceito de inconsciente, pois lhe concederia uma substancialidade ao inconsciente. É preciso considerar que o inconsciente é tecido por traços puros de diferenças formados por arqui-vo que já são transcrições.

A escritura inconsciente é pensada como uma energia psíquica que circula entre o inconsciente e o consciente. Portanto, não existe um texto escrito fixado em algum lugar. A escritura são transcrições, transformações do texto. Derrida (1967a) propõe um pensamento sobre a escritura sem origem, que supõe um texto sempre porvir, o que implica que a significação é sempre ambígua, múltipla e disseminada<sup>6</sup>.

O texto não é pensável na forma, originária ou modificada, da presença. O texto inconsciente já está tecido de traços puros, de diferenças em que se unem *sentido e força*, texto em parte alguma presente, constituído por arquivos que são sempre já transcrições. Estampas originárias. Tudo começa pela reprodução. Sempre já, isto é, depósitos de um sentido que nunca esteve presente, cujo presente significado é sempre reconstituído mais tarde, posteriormente, suplementarmente: *nacträglich* também significa suplementar. O apelo do suplemento é aqui originário e escava aquilo que se reconstitui mais tarde como presente. (p. 200, itálicos nossos)

O termo de tradução e transcrição, pondera Derrida, abarca o perigo de supor um texto prévio que poderia ser transportado, sem prejuízo, de um sistema para outro. O texto consciente não é uma transcrição porque não há texto no inconsciente presente e impassível. O texto é sempre uma reconstrução a posteriori. A transcrição da escritura inconsciente não seria uma repetição, dado que não há texto anterior, o texto é sempre original na sua própria secundariedade. Dessa forma, a escritura se constrói nas próprias transcrições.

O problema da metáfora da tradução é a possível separação entre força e extensão do texto. A distinção entre força e sentido pertence à metafísica da consciência e da presença, “ou melhor da presença no verbo, na alucinação de uma linguagem determinada a partir da palavra, da representação verbal” (Derrida, 1967a, p. 202). Esse é um

5 Freud sinaliza o limite da interpretação quando admite o caráter irreduzível dos traços pulsionais. Por exemplo, na clássica expressão “umbigo do sonho”, como um resto irreduzível à análise.

6 Conforme observa Major (2002), a concepção de escritura de Derrida dirige “uma crítica do estruturalismo em psicanálise e da primazia quicá do imperialismo, do significante e da ordem simbólica tais como são desenvolvidos na concepção laciana” (pp. 17-18).

problema que não escapa a atenção de Freud e o faz reconhecer o limite da operação da interpretação. Este limite comparece, por exemplo, quando a sonoridade da palavra, o corpo verbal, não se deixa traduzir, não se apaga diante de um significado. Derrida considera que esse corpo verbal não se deixa traduzir para outra língua: “deixar de lado corpo é mesmo a energia essencial da tradução. Quando ela reinstitui um corpo é poesia” (Derrida, 1967a, p. 198). Para Freud, a escritura psíquica não seria passível de tradução, uma vez que há apenas um único sistema energético, e a tradução não se realiza somente por um deslocamento de significantes.

### **Considerações finais**

Freud não se restringe a um modelo linguístico baseado em uma dimensão semântica ou significativa que exclui o registro intensivo da linguagem. No entanto, sua

obra é marcada por inúmeros paradoxos e encontramos diferentes perspectivas e possibilidades de abordagem sobre a linguagem. A questão central nesse debate é se a psicanálise teria conseguido incluir a questão da intensidade na linguagem do inconsciente. Destacamos, na leitura de Derrida, o resgate da originalidade do discurso freudiano, primeiro ao valorizar a noção de inconsciente como força e, segundo, pela atenção a unificação do registro da fala e da escrita na análise dos fenômenos oníricos. Os impasses e dificuldades na tradução (interpretação) do texto inconsciente servem para demonstrar que o texto não se compõe unicamente de representantes. Sob esse prisma, fica evidente o esforço de Freud ao procurar definir uma concepção mais abrangente de linguagem, sem se restringir apenas a expressão do pensamento em palavras, como é o caso da linguagem gestual das histéricas e da linguagem pictórica e sensorial dos sonhos. Por meio do conceito de “texto psíquico” torna-se possível conceber o inconsciente

como uma escrita permanente produzida sobre a economia das palavras e não pelo sentido delas, portanto uma linguagem atravessada pelas intensidades.

### **Derrida's writing: Notes on the Freudian model of language**

**Abstract:** We intend to resume the debate of Derrida on the concept of language and its encounter with psychoanalysis. Despite observing the influence of the philosophical tradition of metaphysics on the metapsychological concepts of psychoanalysis, Derrida acknowledges in the Freudian discourse a potential for deconstruction of the concept of language as being associated with a verbal representative activity. Finally, we discuss how the hypothesis of conception of the unconscious as writing and of writing of the unconscious implies another interpretation of discourse in psychoanalysis in which a junction between force and sense is promoted.

**Keywords:** Derrida, psychoanalysis, language, writing, unconscious.

### **Écriture de Derrida: notes sur le modèle freudien de la langage**

**Résumé:** Cet article se propose de reprendre le débat sur la conception de Derrida de la langage et de sa rencontre avec la psychanalyse. Tout en notant l'influence de la tradition philosophique de la métaphysique sur les concepts métapsychologiques de la psychanalyse, Derrida reconnaît dans le discours freudien le potentiel de déconstruction de la notion de langage associée à un représentant de l'activité verbale. Enfin, s'adresse aussi l'hypothèse de la conception de l'inconscient comme écriture, et l'écriture de l'inconscient implique autre interprétation du discours dans la psychanalyse puisqu'elle favorise une jonction entre la force et le sens.

**Mots-clés:** Derrida, psychanalyse, langage, écriture, inconscient.

### **Escritura de Derrida: notas sobre el modelo freudiano del lenguaje**

**Resumen:** En este artículo se pretende reanudar la discusión sobre la concepción de Derrida del lenguaje y de su encuentro con el psicoanálisis. A pesar de observar la influencia de la tradición filosófica de la metafísica en conceptos metapsicológicos del psicoanálisis, Derrida reconoce el potencial discurso freudiano de la deconstrucción del concepto de lenguaje asociado con una actividad representativa verbal. Por último, se aborda como la hipótesis de la concepción del inconsciente como escritura

## Referências

y la escritura del inconsciente implica otra interpretación del discurso del psicoanálisis, ya que promueve una unión entre la fuerza y el sentido.

**Palabras clave:** Derrida, psicoanálisis, lenguaje, escritura, inconsciente.

- Birman, J. (2007). Derrida e a psicanálise. *Revista Cult*, 10(117), 56-59.
- Derrida, J. (2005). Freud e a cena da escritura. In *A escritura e a diferença*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Derrida, J. (2006). *Gramatologia*. São Paulo, SP: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1967)
- Derrida, J. (2001). *Posições: Jacques Derrida*. Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1972)
- Derrida, J., & Roudinesco, E. (2004). *De que amanhã. Diálogos de Derrida e Roudinesco*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Freud, S. (1976). Projeto para uma psicologia científica. *Obras psicológicas completas* (vol. 1). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (1976). Carta 52. In *Obras psicológicas completas* (Vol. 1). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1896)
- Freud, S. (1976). Interpretação de sonhos. In *Obras psicológicas completas* (Vols. 4-5). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1976). O interesse filológico da psicanálise. In *Obras psicológicas completas* (Vol. 13). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1976). Conferência XV. In *Obras psicológicas completas* (Vol. 15). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1915-1916)
- Freud, S. (1976). Uma nota sobre o “Bloco mágico”. In *Obras psicológicas completas* (Vol. 19). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Major, R. (2002). *Lacan com Derrida*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Nascimento, E. (2004). *Derrida*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Recebido: 23/06/2014

Revisado: 22/03/2015

Aceito: 04/04/2015